

Um novo lugar para o aterro

JUN 1992

Cinema e reciclagem de lixo são atividades incompatíveis para uma mesma área. Exatamente por isto a administradora de Sobradinho, Anilcéia Luzia Machado, já procura um novo local para a construção do aterro sanitário da satélite. O que foi aprovado pelo Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma), por indicação da Sematec, fica no terreno reservado para a implantação do Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal.

Na sua peregrinação pelos gabinetes do GDF, Anilcéia chegou até a Secretaria de Obras e Serviços Públicos. Mas foi informada pela secretária adjunta Ivelise Maria Longhi que só a Sematec pode desfazer o equívoco, designando outra área para a construção da usina de reciclagem do lixo. O Pólo de Cinema, por se tratar de uma lei aprovada pela Câmara Legislativa e sancionada pelo governador, fica mesmo na Chapada da Contagem, no quilômetro 7 da DF-330.

Sem opção — “Difícilmente alguém levaria adiante um projeto de filmagem com o insuportável mau cheiro que exala uma usina de lixo e com todos os inconvenientes de um aterro sani-

tário”, duvida o deputado Pedro Celso (PT), que através de um decreto legislativo quer anular o decreto do governador Joaquim Roriz que cria os aterros sanitários do Gama e Sobradinho. “É mais uma irresponsabilidade do GDF que nós do Poder Legislativo não podemos permitir”.

“Eu não vejo a construção do aterro como um simples lixão. Ela faz parte do projeto Repovoar, que leva em conta modernos conceitos de indústria, cria empregos e é algo benéfico para a região onde for implantado”, rebate Anilcéia. A administradora quer manter o Pólo de Cinema sem perder o aterro sanitário.

O maior problema agora passa a ser o de arumar outro local para o “lixão”. As duas únicas áreas pertencentes à Administração Regional, Cafuringa e São Bartolomeu, são de proteção ambiental (Apas) e não podem ser utilizadas para atividades poluentes. Além disto, o vale do São Bartolomeu já está quase todo ocupado por condomínios rurais e a desapropriação exigiria alta soma de recursos. Cafuringa, conhecida como a última fronteira natural do DF, também apresenta problemas de topografia, por ser uma área montanhosa.

A princípio, a opção parece recair sobre uma área desabitada na margem direita da BR-020 (Brasília-Fortaleza), mas a solução definitiva ainda depende de estudos do Departamento de Urbanismo da Administração Regional de Sobradinho e do aval da Sematec.